

Seminário analisará as alternativas para crise

O Jornal da Tarde e o Instituto Roberto Simonsen realizarão nos dias 17 e 18 deste mês o seminário "Alternativas para a Crise: o Brasil e a Economia Internacional", no auditório do O Estado de S. Paulo. O seminário, patrocinado pelo Banco Itaú e pelo Grupo Pão de Açúcar, pretende avaliar os problemas econômicos nacionais e as perspectivas da economia ocidental nos próximos anos, integrando o empresariado paulista e a comunidade acadêmica nessa discussão, além de apresentá-la aos leitores em linguagem acessível.

O tema geral do encontro diz respeito à questão social e à política econômica dos países em desenvolvimento, com especial atenção sobre a viabilidade das alternativas autoritárias e democráticas. Os conferencistas convidados, de cuja atuação falamos a seguir, são os economistas Albert Fishlow (Universidade da Califórnia, Berkeley); Michael Piore (Massachusetts Institute of Technology); Celso Furtado (Universidade de Paris) e Mário Henrique Simonsen (Instituto Brasileiro de Economia, da Fundação Getúlio Vargas).

O programa dos trabalhos é o seguinte:

1ª sessão — 17 de agosto — presidente dos trabalhos — Ruy Mesquita (Jornal da Tarde)

9h30 — abertura — Luis Eulálio Bueno Vidigal Filho — presidente da Fiesp-Ciesp

10h — "As restrições externas: a dívida brasileira" — conferencista — Albert Fishlow; debatedores — Luciano Coutinho (Unicamp), Sérgio Silva de Freitas (Banco Itaú), e Alkimar Moura (FGV/São Paulo)

2ª sessão — 17 de agosto — presidente dos trabalhos — Roberto Della Manna — primeiro-secretário da Fiesp

14h30 — "A Crise Internacional e o Futuro do Capitalismo" — conferencista — Michael Piore; debatedores — Périco Arida (Faculdade de Economia e Administração — USP), Luís Carlos Bresser Pereira (FGV/São Paulo)

3ª sessão — 18 de agosto — presidente dos trabalhos — Claudio Bardella (Grupo Bardella; vice-presidente da Fiesp).

10h — "A Política de Médio Prazo e a Questão Social" — conferencista — Celso Furtado; debatedores — Paulo Francini (Rádio Frigor; vice-presidente da Fiesp), Roberto Macedo (USP).

4ª sessão — 18 de agosto — presidente dos trabalhos — Manuel Garcia Filho (Instituto Roberto Simonsen).

14h30 — "A Economia Brasileira e suas Perspectivas de Curto Prazo" — conferencistas — Mário Henrique Simonsen; debatedores — João Sayad (USP), André Lora Resende (PUC-RJ), Abilio dos Santos Dinis (Grupo Pão de Açúcar).

5ª sessão — 18 de agosto — presidente dos trabalhos — Ruy Mesquita.

17h — Mesa-redonda: Michael Piore, Albert Fishlow, Celso Furtado, Mário Henrique Simonsen.

Local: Auditório do O Estado de São Paulo, avenida Eng. Caetano Alves, 55, Bairro do Limão.

Mário Simonsen

É considerado um pensador vinculado à corrente monetarista — e um "ortodoxista", posição que de certa maneira voltou a confirmar no mês passado ao declarar que "os monetaristas extremados provavelmente exageram quando desprezam qualquer instrumento antiinflacionário que não seja o controle dos meios de pagamento; no entanto, pior exagero é a antítese estruturalista, que imagina que a moeda nada tem a ver com o caso".

Defendia a austeridade dos gastos públicos no seu último período de governo, e fez a imprensa levar à opinião pública a expressão "Economia de Guerra", posições que, segundo alguns críticos, não foram acatadas pelo governo na intensidade que desejava para continuar conduzindo os destinos econômicos do país. Mas, últimamente, manifestou seu apoio à política de controle da balança de pagamentos desenvolvida pelo seu sucessor. "A inflação e o desaquecimento esfolam, mas o balanço de pagamentos pode matar", resumiu, em maio, ao elogiar as normas oficiais regidas pela cartilha ortodoxa: liberação das taxas de juros, fim das prefixações das correções monetária e cambial, redução dos subsídios à exportação e à agricultura, controle dos meios de pagamento.

O engenheiro econômico Mário Henrique Simonsen, de 46 anos, formou-se com essa especialização na Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil em 1957 e graduou-se economista, em 1963, pela Universidade do Rio de Janeiro. Foi ministro da

Fazenda do governo Geisel e ministro do Planejamento do atual governo até dois anos atrás, quando pediu exoneração. É diretor da Escola de Pós-Graduação em Economia da Fundação Getúlio Vargas, do Rio; membro do Conselho Consultivo do Citicorp (Citibank); responsável por programas de desenvolvimento do Mercado de Capitais; e recentemente analista econômico em uma publicação de uma corretora privada. Ocupou diversos cargos administrativos em empresas privadas, organismos oficiais (como o Banco Nacional da Habitação e o Movimento Brasileiro de Alfabetização) e no magistério.

Suas obras e trabalhos publicados abrangem campos diversos da política econômica e das atividades econômicas: "Tensões Econômicas nos Países Subdesenvolvidos (1962 — monografia do livro Latin America, Evolution or Explosion); "Notas Sobre a Controvérsia entre Monetaristas e Estruturalistas" (1963, artigo constante da publicação da Universidade de Yale "Inflation in Latin America"); Teoria do Consumidor — (1965 — FGV); e "Os Controles de Preços na Economia Brasileira (1961 — Consultec), entre outros.

Celso Furtado

O economista e advogado Celso Furtado, de 61 anos, ex-ministro do Planejamento do governo João Goulart, e primeiro titular dessa pasta, formou-se em Direito pela Universidade do Brasil, em 1944, e doutorou-se em Economia pela Universidade de Paris, em 1948. Foi nomeado ministro depois de ocupar a superintendência da Sudene e de já ser conhecido como um técnico preocupado com o subdesenvolvimento das populações marginalizadas, como a do Nordeste brasileiro. Foi cassado no primeiro ano do governo revolucionário, em 1964, e passou então a residir em Paris e a lecionar na École des Hautes Etudes en Ciências Humanas, ligada à Sorbonne, função que exerce até hoje, interrompida periodicamente por cursos e conferências ministrados no Brasil, e em outros países.

Celso Furtado é autor de uma ampla obra literária e está para lançar seu vigésimo livro, "O Brasil Pós-Milagre", no qual pretende, segundo declarações suas, "explicar como chegamos ao imbróglio atual e propor soluções viáveis para sair da crise". Entre as últimas obras mereceram destaque dos críticos e dos economistas "Prefácio a Uma Nova Economia Política" (1976, Editora Paz e Terra, como a maioria das publicações), e "O Mito do Desenvolvimento Econômico" (1974). "Um quarto de século tateando os labirintos das Teorias Econômicas" convenceu-me sobremaneira da insuficiência do quadro conceitual com que trabalhamos nossa Ciência", disse o autor a respeito de sua proposta de recravar a Economia Política. Quanto ao "mito do desenvolvimento", o economista, sempre considerado "desenvolvimentista", fascinou os críticos ao dizer que "a idéia de desenvolvimento constitui seguramente uma prolongação do mito do progresso, elemento essencial na ideologia diretora da revolução burguesa, dentro da qual se criou a atual sociedade industrial".

Suas primeiras obras incluem o clássico "A Formação Econômica do Brasil" (Rio, 1959) e outras como "A Economia Brasileira" (primeiro livro, 1954); "Uma Economia Dependente" (1956); "Desenvolvimento e Subdesenvolvimento" (1961); "Subdesenvolvimento e Estagnação na América Latina" (1968); "Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico" (1967); "Formação Econômica da América Latina" (1969); "Análise do Modelo Brasileiro" (1972).

A respeito do modelo econômico implantado no País após 1964, e para cuja afirmação a cassação dos seus direitos políticos foi considerada indiretamente necessária, Furtado disse no ano passado que "os homens do governo identificaram desenvolvimento com acumulação de bens, sem distinguir modernização de desenvolvimento e aproveitando o patamar, já anteriormente criado, na década de 50, para a expansão da indústria de bens de consumo". Mas Celso Furtado não deixou de apontar os aspectos otimistas proporcionados pela "abertura política" e pela reciclagem energética.

Albert Fishlow

Albert Fishlow, economista americano de 46 anos, é o mais conhecido e atuante "brasiliense" da Área Econômica. Tem grau de PhD pela Universidade de Harvard, foi catedrático da Universidade da Califórnia de 1966 a 1977, professor adjunto da Escola de Pós-Graduação em Economia da Fundação Getúlio Vargas, do Rio, nos anos de 1967 e 1968, e é atualmente catedrático de Economia da Universidade de Yale. Por seus conhecimentos da economia brasileira, chegou a ocupar cargo de terceiro escalão na Secretaria de Estado para Assuntos Inter-Americanos, dos Estados Unidos, em 1975 e 1976.

Fishlow começou a ser conhecido entre os economistas americanos pelo seu livro "American Railroads and the Transformation of the Ante Bellum Economy", de 1965, que é um clássico estudo histórico sobre o papel das ferrovias no desenvolvimento da industrialização norte-americana (As Ferrovias Americanas e a Transformação da Economia anterior à Guerra de Secessão).

Mas a mais rica contribuição desse cientista econômico aparece nos seus numerosos artigos, vários deles referentes a problemas brasileiros. Em "Brazilian Size Distribution of Income", publicado originalmente na "American Economic Review" em 1972, um artigo clássico, ele estuda a distribuição de renda no Brasil no início dos anos 70 e conclui que a concentração de renda se intensificara com o "milagre econômico": a renda estava distribuída mais desigualmente no final da década de 70 em relação ao começo desse período. Esse foi o artigo que desencadeou toda a polêmica sobre distribuição de renda no Brasil e que mereceu depois respostas de Carlos Lapponi e Delfim Netto.

Antes disso, no mesmo ano, Fishlow já publicara "Origins and Consequences of Import Substitution in Brazil" ("Origens e Consequências da Substituição de Importações no Brasil"), um estudo histórico pioneiro sobre a industrialização brasileira desde os anos 30.

No ano seguinte, na publicação "Authoritarian Brazil" ("Brasil Autoritário") da Universidade de Yale, o economista faz reflexões sobre a Política Econômica brasileira do pós-64: situa as políticas dos ministros Campos e Bulhões e a fase de expansão industrial 68-73 (o "milagre") no contexto dos ciclos de crescimento industrial que se iniciaram com os Planos de Metas do governo Juscelino Kubitschek. Em outras palavras, mostra que esse crescimento pode ocorrer por vir depois de um período que favorecia o desenvolvimento industrial. As "reflexões" mostram ainda o acerto da política expansionista do ministro Delfim Netto para o controle da inflação nos anos de 1967 e 1968.

Um outro artigo de Fishlow sobre o Brasil, publicado em 1974, acabou tendo repercussão muito grande nos meios econômicos americanos. Chama-se "Indexing Brazilian Style: Inflation without Tears?" ou o "Modelo Brasileiro de Indexação — Inflação sem lágrimas?" em que aborda a correção monetária adotada no Brasil, mostrando que ela soluciona alguns problemas mas cria novos problemas, como a dificuldade de se reduzir o próprio índice inflacionário. O artigo esfriou o ânimo de um grupo de economistas americanos que na época defendiam a adoção também naquela economia, que não é indexada, de algum sistema de correção monetária.

"Debt Remains a Problem" ou "A Dívida ainda é um problema"; "The New International Economic Order: What Kind?" ("A Nova Ordem Econômica Internacional — De que tipo?") e "The Nature Neighbor Policy: A Proposal for a United States Economic Policy for Latin America" ("A Política Amadurecida de Vizinhança: Uma Proposta para uma Política Econômica dos Estados Unidos para a América Latina") são os seus artigos mais recentes (1978) sobre os problemas econômicos latino-americanos e o problema específico do financiamento da dívida externa dos países latino-americanos. Fishlow estendeu seu campo de especialização do Brasil para o conjunto da América Latina quando trabalhou na Secretaria de Assuntos Interamericanos.

Albert Fishlow é responsável pela formação e orientação de teses de diversos economistas brasileiros que fizeram seu PhD em Berkeley — Pedro Malan, Regis Bonelli, Paulo Vieira da Cunha, Paulo Zagheni e Andrea Calabi. Para Andrea Calabi, Fishlow é um economista que combina muito bem, e de forma eclética, a análise histórica e os modernos modelos econômicos nos estudos a que se propõe — sempre enfatizando a superioridade do mercado e do sistema de preços na resolução das principais questões econômicas.

Michael Piori

Michael Piori obteve seu doutorado (PhD) em Teoria Econômica pela Universidade de Harvard em 1969. Atualmente detém o cargo de "full professor" do MIT — Massachusetts Institut of Technology. Adquiriu sua reputação inicial com escritos na área de Economia do Trabalho, tendo publicado um livro já clássico intitulado "Mercados Internos e Análise da Força de Trabalho", pela Lexington Press. (Essa e as demais obras citadas aqui não foram traduzidas para o Português.)

Sua trajetória intelectual diversificou-se crescentemente a seguir, tendo publicado em 1978 um livro sobre processos migratórios chamado "Pássaros de Passagem e Terras Prometidas", pela Cambridge University Press. Publicou a seguir, em 1979, uma coletânea de ensaios intitulada "Inflação e Desemprego", onde aprofundou as visões estruturalista e institucionalista desses dois fenômenos. Em 1980 publicou seu quarto livro, "Dualismo e Descontinuidade no Capitalismo", também pela Cambridge University Press, onde propôs uma teoria integrada sobre as consequências da oligopolarização da Economia, e da marginalização de parcelas importantes da população.

Além dos livros, escreveu inúmeros artigos em revistas especializadas, nos Estados Unidos e na Europa, sobre inflação estrutural, oligopolarização, mudanças tecnológicas, padrões de desenvolvimento, estratificação social e desemprego. E atuou como consultor de organizações privadas e oficiais. Assim como seu colega Albert Fishlow, também presente no próximo seminário, é considerado um pensador original, não filiado a alguma das escolas ou linhas econômicas. Mas costuma-se associá-lo aos institucionalistas, uma corrente que desapareceu com Veblen e Commons, na década de 20, e que está ressurgindo agora.